

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

ZOLA E HUMBERTO, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Eu sou a Immaculada Conceição*, pelo Padre Senna Freitas; *Uma seita moribunda*, pelo Padre Francisco dos Santos e Cunha.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O transformismo*, pelo Padre Francisco Sanches.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Roma!* pelo Padre Martins Capella; *Coisas! Coisas!* por um vimaranense; *Eu, o leitor e a fama*, por R. L. O.; *Therezu de Jesus*, por D. Maria del Pilar Sinués de Marco, traducção do Padre Lima (conclusão).—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE DEZEMBRO DE 1879

ZOLA E HUMBERTO

Emilio Zola, o realista das graveolencias, que publicou o *Ventre de Paris*, o *Crime do padre Mouret* (do qual o «Crime do padre Amaro» é talvez a traducção), e a *Taverna* («Assomoir» em francez de gíria), acaba de desovar um novo romance *Nana*, que na pintura do immundo ultrapassa todos os esforços da imaginação. Assim n'ol-o afirma a imprensa franceza ainda menos suspeita.

A apparição d'aquelle livro tem tomado as proporções d'um acontecimento; já deve contar mais que duas edições, embora ediccionadas não ha por ora um mez. Ha estomagos aos milhars para digerir aquillo, e apenas *Nana* cahiu da grade do prélo no mostrador do livreiro mil convivas o devoraram. Excellente thermometro do grau da moralidade da epocha actual!!

Porém mais que nenhuma cidade da Europa, Paris, a Paris das fezes, que só d'ellas pode viver como o annelido das putrefações do monturo, depois de ter applaudido todas as fezes litterarias segregadas pela penna de Zola, applau-

de agora phreneticamente a novissima infecção do novelleiro realista.

Este facto coincide com a eleição de Humberto pelo circulo do Javel para deputado da metropole da França. Duas apothecoses. A de Zola içado ao pinaculo da celebridade como insigne photographo das foculas sociaes, e a de Humberto grimpado ás eminencias de pae da patria, antes de ter aprendido a ser seu filho e não seu assassino.

E' desolador contemplar esta alliança dos triumphos da hora presente—a depravação coroada, e o socialismo repatriado e conduzido ao parlamento. E pergunta a gente a si propria por que prodigio de habito pode ainda ter-se de pé uma sociedade, quando a sua litteratura favorita se acha tão profundamente aviltada, quando o unico soberano que ainda reconhece, o suffragio popular, se compraz em semelhantes escolhas, e conspue a urna com taes nomes.

Luxuria scavior armis, disse com muita justeza o grande satyrico latino: já não é Paris só que é corrompida, é a França que se desvaira nas volupias mais repellentes e nos mais deleterios sophismas. Os homens que embebeim a penna na sicuta e no petroleo não fazem senão abeberar de palavras e ensinamentos perdidos essa nação digna de melhor sorte.

Conspira a litteratura com a politica para fazer desmedrar o que resta ainda de bom e são na humanidade. Não é possível abrir um livro de tal ou qual voga sem n'elle respirar um odor mephitico; e corre que se não abrirá mais escrutinio nas grandes cidades da França senão para proclamar, pela voz do suffragio, a innocencia immaculada d'aquelles que a justiça declarou reos dos maiores flagícios e fulminou com o degredo. A amnistia, como é actualmente entendida, é o olvido affectado de toda a moral.

E eis a republica que se promete á infeliz França! Taes as esperanças com que se lhe colore o horisonte! Quando o prato do dia se chama—Nana—e—Humberto, forçoso é admittir que os obreiros da ruina final de todos os principios do bem e do bello, ganharam a primeira partida.

A's honras da repatriação de Hum-

berto e da sua ascensão ao galarim diplomatico seguiram-se as do seu casamento civil. Novo acontecimento, novo pregão de cornetim e novo rufo de tambor, porque Humberto hoje não pode dar um passo que não seja um acontecimento. «Irmãos e amigos» compareceram na casa da camara de Neuilly; não orçavam por menos de uns dois mil. O *maire*, o dignissimo magistrado encarregado das festas do epithalamio, desbancou tudo quanto se esperava. Por ordem de s. ex.^a viu-se Neuilly toucada, endamascada, enflorada, embandeirada e foguejada como nunca para celebrar o consorcio do... galé d'honrem.

O *speech* do *maire* salvou a pés juntos aquelle degrau do sublime além do qual principiam os dominios do ridiculo. Foi uma parlenda de torna viagem. Não faltaram as allusões anti-catholicas, estudadas e calculadas a vêr se podiam ser discretas, mas atravez da pelle positiça apontavam as orelhas da raposa. Depois de concluido o *speech* podiam-se-lhe pôr escriptos ao orador, não nas janellas da casa mas na testa. Uma amostrinha que não roube nem estrague mais d'um quinto de columna:

«Não é a vós, almas republicanas, que devo recordar a magestade da lei civil. Vós a respeitades assás, vós que tendes sido educados na fé civil (é de se lhe lamber os beijos), unica que respeitades (aqui os ouvintes assoam-se).

«Escutai-me, continúa o grave *maire*, escutai-me religiosamente; não estranheis o termo, emprego-o na sua *accepção civil* (O' manes de Quintiliano e Soares Barbosa, porque não resuscitades vós para classificar este estylo de restea d'alhos, que resonna nas columnas do *Paris-Journal* á espera que o sentido o accorde!)

«Meus votos a vós, Senhora (a metade de Humberto), que, esperando o noivo de tantos annos, destes prova de uma dedicação *corneliana*...» Antes que o leitor nos segunde entre dois bocijos um—*tolle, tolle* de enfado, concluamos a citação do tal discurso do senhor *maire*, mais habituado a instaurar processos e a interrogar reos que a felicitar conjuges.

A'lerta, Gambetta! Ahi está um joven cidadão, minalho da Communa,

que se eleva cerca de vós e cuja estrela ameaça fazer empalidecer a vossa. As auras populares começam para elle; os veteranos da republica, com Luiz Blanc á frente, abrem-lhe alas, e os novatos aclamam-no; o seu casamento é festejado pela multidão e celebrado pelos funcionarios civis. A'lerta, senhor Gambetta. E' tempo de representar o ultimo papel do *opportunismo* a vêr se é possível codilhar os candidatos da communa, que já vestem o uniforme de heroes de punhal e petroleo. Ou então acabai por uma vez com esse *opportunismo* proteiforme, e deixai-me repetir-vos a estancia do autor do «Inferno»,

«A te convien tenero altro viaggio
Rispose.....
Si vuoi campar.....»

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

«EU SOU A IMMACULADA CONCEIÇÃO»

(Echos do Gave).

I

Foi essa a mais custosa perola da sua grinalda d'esposa, o mais formoso diamante da sua corôa de rainha, o signal mais refulgente do amor de Deus para com Ella, por onde, o fôco mais abraçado do amor com que O reama e a fonte caudal, entre todas, das suas acções de graças.

Imagine-se o que sentiria a purissima Virgem quando, ao vêr perpassar-lhe aos pés as ondas apinhadas e innumeraveis das gerações humanas, cogita que é Ella a unica preservada da macula que inquinava indistinctamente e sem excepção todos os seus irmãos. Eu, diria auniqualando-se, eu unica remida até este ponto, amada por Deus com tamanho amor! E porque razão eu, e eu só?

Não, a lava ao borbolar toda candente da cratera d'um volcão raivoso, não jorra com tanta violencia como a adoração, o louvor, a benção subiriam para Deus do peito humilimo, encendido e sempre placido de Maria, quando, ao considerar-se no nimbo em que Deus a collocou e que ella nunca jamais abandonou, se vê toda immaculada e unica a sel-o d'entre a universalidade das terrenas creaturas. Ainda quando não tivera outra graça a agradecer ao seu Autor, a sua vida no Ceu não fôra mais que um immenso, incessante, e subsistente *Magnificat* que lhe absorveria toda a energia contemplativa do es-

pirito, toda a capacidade d'amar do coração.

Um dia, nas extremas das duas nações mais catholicas do mundo, entre os reconcavos do Pyreneus, atravez dos penhascos graniticos de Massabiele, que o Gave banha, Maria deixou ouvir a sua voz dulcissima, como um eco do infinito, a uma creança. Envoltas n'un luminoso disco, vestida de neve e de Ceu, desatou o labio quasi divino, e como o purissimo cristal jorra da rocha incorruptivel, taes lhe deslizaram d'entre fios de perolas as seguintes palavras: «*Eu sou a Immaculada Conceição!*» O silencio absoluto da montanha escuta respeitoso o testemunho que Maria dá de si mesma; no Ceu os anjos sorriem e vibram suas harpas d'ouro, na terra a corolla dos lyrios redobra de alvuras, e no coração dos crentes o verbo da Virgem-Mãe resôa e resoará sempre como a brisa da America do Sul atravez da rama das casuarinas. Que importa que não resoe no impio? O eco não repercute no concavo dos carcomidos troncos. (1)

II

Teem estranhado alguns que apparecendo á humilde filha dos Pyreneus, Maria dissesse: «Eu sou a Immaculada Conceição.» Esta expressão, de facto, parece estranha. Se ella dissera: Eu sou a Immaculada ou a Virgem da Immaculada Conceição, era essa a linguagem ordinaria e todos a houveram comprehendido. Mas para que dizer: Eu sou a Immaculada Conceição—como se não só fosse o objectivo do mysterio mas o proprio mysterio, ou como se a sua pessoa e a sua prerogativa estivessem como identificadas? Vieram doutos, e affirmaram que a locução de Maria foi um *hebraismo*, tentando assim fazer-nos crer que a Virgem guardava, ainda na sua gloria, o estylo de fallar proprio do idioma da sua patria terrestre. Sem duvida, absolutamente fallando, não ha n'isto impossibilidade alguma.

Quanto a nós, porém, ousamos pensar que a sublime phrase proferida nas quebradas de Massabiele occulta uma significação profunda, e que, partindo d'essa graça primeira que foi a base e como o germen de todas as demais que lhe Deus liberalizou e a libreram muito acima de quanto não é Ella, a celeste Virgem de Lourdes quiz significar o desdobramento e a perfeita consumma-

(1) Depois das irrespondiveis demonstrações de Henrique Lasserre em favor da aparição de Lourdes, no seu livro tão popular, só a ophthalmia da mã fé pode dizer: não vejo, não admitto.

ção da sua graça inchoativa, e ostentar-se-nos como a Conceição universal de Deus, executada n'uma pura creatura.

De mais, não é precisamente isto o que achamos exarado n'esses celebres textos dos Livros sapienciaes que a Igreja, nos seus santos officios, appropriá á mãe de Deus? «Eu tive o primado sobre todos, eu possuo em mim toda a graça do caminho e da verdade, eu e eu só penetrei até ao fundo do abysmo, escrutando as suas profundezas e illuminando-as; eu e eu só caminhei com um passo firme sobre as ondas oscilantes do mar, dominando as suas agitações e immune das suas vicissitudes.»

Sou pois toda bella; e toda bella porque Deus me ama; mais bella que todos porque se digna amar-me mais que todos; não ha macula em mim. Sou Maria; sou a Virgem; sou a Immaculada; «sou a Immaculada Conceição».

P.º SENNA FREITAS.

UMA SEITA MORIBUNDA

Em um livro moderno sobre a Hollanda, escripto por certo viajante italiano, encontrei ha pouco uma curiosa noticia acerca do *jansenismo* actual, que talvez não deixe de interessar a muitos dos leitores d'esta revista; e que por isso vou transcrever.

—Em materia de religião (diz o referido escriptor, que é *italianissimo* e, como tal, nada suscito) possui Utrecht uma preciosa raridade de Museu, uma antigualha archeologica curiosissima— a sé principal da seita jansenista, a qual em parte nonhumana se acha em estado de egreja constituida, e não ser nos Paizes-Baixos, onde conta ainda trinta Communidades e alguns milhares de fieis.

A egreja, decora-la com a simples inscripção—*Deo*—, levanta-se no meio d'um grupo de casobres dispostos em fórma de claustro e unidos entre si por pequenos pateos assombrados de arvores fructiferas. N'aquelle retiro silencioso e triste, onde não ha muitos annos havia apenas uma entrada, que se fechava durante a noite como a porta d'uma fortaleza, fina-se de langôr a doutrina decrepita de Jansenio e dormitam os seus ultimos devotos. Hoje ainda, cada nova nomeação do bispo é regularmente annunciada ao Pontifice, que responde regularmente com uma bulla de excommunhão, a qual é lida do pulpito e depois enterrada e esquecida. Assim este pequeno Port-Royal, que sente já o frio e solidão do tumulo, pro-

longa ainda sua ultima resistencia contra a morte.»

Eis ali como expira uma seita.

Sarmento separado da vida, pode por algum tempo vegetar, lançando folhas amarellecidas de estiolamento; mas nunca produzir cachos.

Ainda no seculo passado o *jansenismo* dominava absoluto no parlamento de Paris, que, docil instrumento da seita insidiosa, supprimia a bulla de canonisação de S. Vicente de Paulo por fallar dos erros de Jansenio e do zêlo do santo em combatel-os; prohibia, como reuniões perigosas, as congregações e confrarias religiosas; decretava a supressão dos collegios e outras casas de jesuitas: (1) tão arrogante ainda hontem e hoje... definha e morre ingloria e obscura n'um canto da Europa!

E' sorte do erro. O que se dá com esta, ha-se dado com todas as heresias, que no decurso dos seculos tem angustiado a Igreja. As perturbações por ellas suscitadas, não passam de tempestades mais ou menos violentas, de duração variavel; mas sempre transitorias, que, se causam estragos, servem tambem para attestar a robustez da arvore gigante do Catholicismo, que inabalavel lhes affronta as iras.

Acalma a tormenta, e o velho tronco, mais exuberante de seiva, braceja ramos novos, despido dos galhos carcomidos, que a ventania arrancara.

A historia das heresias é a historia do orgulho humano.

Espiritos soberbos enfatuados de seu saber, sequiosos de fama, mordem impacientes o freio da auctoridade, supportam a custo o jugo da fé.

D'entre elles surge algum mais audacioso, que levanta o estandarte da revolta e logo se lhe agrupam em torno todos esses, cuja sabedoria não tem por base e principio o temor de Deus. Acordam as más paixões, ouvem-se as vozes seductoras de sercias mentirosas e, embaida por ellas, corre a turba dos ignorantes, voluveis ingenuos: eis formada a facção.

Trava-se o combate, prolonga-se a lucta, parece por vezes que vai ser vencida a verdade; mas por fim alcança sempre a victoria, ficando o erro prostrado. Separara-se o grão sazonado do joio e das palhas seccas, destinadas ao fogo. Ao romperem as labaredas do incendio, dirse-hia, que vai tudo ser abrazado; mas afinal, queimados os cardos e hervagens damninhas, brotam do chão fertil da Igreja plantas mais que nunca virentes.

A heresia jansenista foi silva espinhosa em campo fecundo. Astuciosa e hypocrita, rastejou, como a serpente,

conseguindo embelescar com as apparencias d'uma austeridade mentida, homens taes como Pascal; hoje porém é um cadaver. Mas é proprio dos cadaveres exhalarem miasmas. E desgraçadamente a sua influencia maligna não está de todo extincta. Manifesta-se, especialmente, nas difficuldades com que muitos sacerdotes, aliás estimaveis e bem intencionados, embaraçam a *communhão frequente*. Exigindo do fiel, sob o especioso pretexto d'alto respeito ao augusto sacramento, uma perfeição impossivel ás forças isoladas da natureza decahida, privam-no ao mesmo tempo dos meios sobrenaturaes de chegar a ella. Este erro funesto, tão opposto ao espirito da Igreja, e que teve artes de insinuar-se até nas Constituições do Bispado do Porto, foi ha tempos combatido n'uma serie de excellentes artigos publicados pelo diario—a *Palavra*, estrenuo e benemerito campeão da causa catholica.

Oxalá fossem elles bem meditados por quem, sem o querer por certo, tanto mal faz ás almas, recusando-lhes o alimento saudavel, sem o qual se enervam e definham. O *jansenismo* seria então para nós numia inoffensiva, deixando de evaporar exhalações venenosas, que corrompem os corações e enbaciavam os espiritos.

P.º F. DOS SANTOS E CUNHA.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O TRANSFORMISMO

Dezenas de seculos passaram sobre a humanidade sem que o grande carro da civilisação e do progresso caminhasse ávante; um pesado fardo lhe tolhia o movimento.

Havia um livro a que por ignorancia se dava o nome de *livro por excellencia*, que, estabelecendo ideas erroneas ácerca da origem e formação das especies, era o grande estorvo á emancipação dos espiritos.

«As differenças de conformação externa dos seres vivos, diz um apologeta de Haeckel, resultaram e são ainda hoje a consequencia da necessidade que os animaes toem de se adaptarem aos diversos meios no decurso das idades geologicas; as analogias de structura interna, que se conservaram, são pelo contrario devidas á hereditariedade.

A hereditariedade e a adaptação dominam toda a evolução organica; explicam perfeitamente os factos que estuda

a anatomia comparada, sem que d'ora em diante seja necessario converter as variedades em especies immutaveis, creadas uma vez para sempre, e olhar cada *especie* extincta ou existente como a incarnação d'uma idea divina e a realisação de planos preconcebidos por não sei que estranho artista, que, posto se applaudia cada vez de sua obra e ingenuamente a achava «boa» a recommençava periodicamente.»

A criação de todas as especies desde o principio pela vontade omnipotente d'um Deus é, pois, uma velharia a que a sciencia da moda, representada por Darwin e Haeckel, deu de mão.

Seja-nos no entanto licito, á face da verdadeira sciencia, avaliar ainda que resumidamente esta nova comprehensão do mundo organico.

O primeiro que formulou a hypothese da transmutação das especies, ou a theoria da descendencia ou do transformismo, foi Lamarck em 1809.

Refutada por grandes naturalistas, como Cuvier, esta theoria toda hypothetica reapareceu em nossos dias sob nova forma, lardeada de grande erudição, propria a angariar numerosos proselytos em espiritos atreitos a innovações.

De todas as theorias, porém, que procuram explicar por causas mecanicas a transformação das especies, a mais seductora, pelo grande numero de dados scientificos em que se estriba, é sem duvida a theoria da *selecção* ou o *darwinismo*.

O que importa, pois, é saber se esses dados scientificos bastam para qualificar o transformismo de verdade adquirida para a sciencia, ou se deve ser rejeitado como hypothese puramente gratuita e em contradicção com os factos.

Darwin, observando que o homem conseguia modificar certas formas e aperfeiçoar os caracteres d'uma especie, escolhendo em cada geração successiva differenças individuaes, partiu d'esta selecção methodica ou artificial, operada por mão intelligente, para a *selecção natural*, feita pela propria natureza sem plano nem designio.

Este principio fundamental da sua theoria assenta sobre um facto incontestavel,—a immensa desproporção que existe entre o numero dos nascimentos e o numero relativamente limitado dos animaes que sobrevivem—a que Darwin poz o nome de *lucta para a existencia* ou *concorrência vital*.

Vejamos a applicação d'estes principios.

(1) Rivaux—Tratado de historia ecclesiastica, tom. 3.

7. Todos os seres da criação lutam para subsistir, porque os alimentos só chegam para um pequeno numero.

N'esta lucta para a vida, os fracos succumbem necessariamente e só os fortes resistem e estabelecem a proporção entre o numero dos individuos e os alimentos.

Resulta d'esta lei da concorrência vital que os seres mais bem armados para a lucta são os unicos que ficam para propagar a especie, os quaes quando tiverem adquirido caracteres mais ou menos aperfeiçoados os legarão por meio da geração, e quando estes caracteres se tiverem bem accentuado, graças á selecção natural, formarão as simples variedades ou as raças.

Em certas series as mudanças não irão mais além, porque as modificações realisadas bastam para estabelecer a harmonia necessaria entre os representantes d'estas raças e o meio em que vivem.

Outras series continuarão as transformações, sempre para atingirem o mesmo fim, isto é, adaptarem os organismos ás condições de existência ambientes, as quaes, á força de se afastarem do ponto de partida darão nascimento a novas especies.

A transformação das formas organicas resulta, pois, da acção reciproca das leis da *hereditariedade* e da *adaptação*, tendo por fundamento a *selecção* d'alguns seres mais bem organisados e melhor dotados para a *lucta*.

Eis em poucas palavras a essência da theoria darwiniana, em favor da qual pareceo depôr a embriogenia e a paleontologia.

Não presumindo fazer uma refutação em forma d'esta theoria, apenas colhereiros alguns argumentos que a sciencia nos fornece e que tornam inaceitavel a hypothese transformista.

E primeiro que tudo devo declarar que reconheço um certo fundo de verdade nas pretendidas leis da transmutação das especies, sendo isto o que pode illudir alguns incautos; a amplitude, porém, que dão a essas leis é que são de todo falsas.

«Para quem se colloca no ponto de vista dos que abraçaram as ideas transformistas, diz Quatrefages, a maior parte d'estas theorias tem seu quê de seductor. Quasi todas appellam desde logo para os factos e parecem ter só a realidade por apoio.

O proprio de Malett, no principio do seu livro, é um geologo distincto, bem ao nivel dos seus contemporaneos, sendo-lhes superior em certos pontos; as quatro leis fundamentaes de Lamarck assentam sobre dados positivos e apreciações physiologicas perfeitamente justas; os phenomenos embryogeni-

cos e teratologicos invocados por Geoffroy são pura realidade.

Finalmente esforcei-me por mostrar o que ha de verdade na lucta para a existencia e na selecção natural, bases que parecem dar toda a solidez ao edificio theorico de Darwin.

Todavia estas doutrinas são muito diversas e algumas excluem-se mutuamente.

Por isso ainda aquelle que de boa mente as abraçaria é obrigado a confessar que não são todas verdadeiras.

Despertada assim a desconfiança, no passo que as examinamos de perto, somos logo impressionados pelo character hypothetico e cada vez mais aventuroso que apresentam.

Chega um momento em que a theoria não concorda com os factos, e por mais que nos contristemos somos obrigados a renunciar a esses vastos horizontes e profundas perspectivas que pareciam tocar nas origens da natureza viva e explicar-nos o seu desenvolvimento.»

Qual é, pois, o valor das leis do transformismo perante a fixidez das especies?

Antes de entrarmos n'este ponto capital, aplanaremos o caminho fazendo algumas objecções aos nossos adversarios e refutando-lhes outras.

Observando o reino animal reconhece-se facilmente um progresso regulador, que, partindo dos protozoarios, vem terminar no homem, cupula e ultimo degrau da escala zoologica.

Todavia onde existe essa infinidade de formas intermediarias, que por gradações quasi insensiveis prenda e estabeleça a transição d'uns seres para os outros?

E' nas faunas extinctas que se tem procurado esses typos intermedios; ninguém ignora, porém, que ainda assim a serie animal offerece grandes lacunas, e que a paleontologia está bem longe de nos fornecer todos os typos de transição desejados, sendo hoje uma verdade demonstrada, que as formas intermediarias que exige a theoria, não existem.

Darwin, em virtude d'um facto tão palpavel, julgou tirar-se de embaraços dizendo que os archivos naturaes da geologia eram como memorias para servirem um dia á historia do mundo, e redigidas n'um idioma alterado e quasi perdido; e que d'esta historia nós só possuímos o ultimo volume, que contém a narração dos acontecimentos passados em duas ou tres regiões.

Ainda n'este mesmo volume só um ou outro capitulo pouco extenso se conservou, e em cada pagina só algumas linhas são legiveis. D'onde conclue que é devida á imperfeição dos estudos geo-

logicos e paleontologicos a carencia das formas de transição pedidas.

Mas esta resposta é uma nova hypothese em apoio d'outra hypothese; é a phantasia conjectural substituindo a sciencia da observação.

Se fosse verdadeira em toda a sua plenitude a chamada lei da selecção natural, seguir-se-hia, que só os animaes melhor dotados deveriam subsistir; como se explica, pois, satisfatoriamente a permanencia dos seres inferiores?

E' este um facto que só por si basta para provar á evidencia a falsidade de semelhante lei.

Estudando os hypogeos do Egypto e comparando as especies animaes e vegetaes que n'elles se encontraram com as hoje existentes, zoologistas e botanicos são concordes em não haver differença alguma entre ellas.

Ha pois cinco ou seis mil annos que estas especies não variam.

Como harmonisar esta constancia de formas animaes e vegetaes, pergunta Quatrefages, com as theorias que admittem a mutabilidade das especies? Ainda mais. A paleontologia mostranos nas formações dos terrenos primitivos, fosseis, que correspondem ás quatro grandes series da fauna actual, radiados, moluscos, articulados e vertebrados; desde o mais infimo até o mais alto grau da escala, sem que o largo decurso de tempo, nem a mudança das condições vitaes, produzissem a mais simples alteração essencial no seu organismo.

Onde estão portanto essas evoluções do transformismo, quando as especies se succedem em todas as formas, desde a mais simples até a mais composta, e em todas as idades, desde os tempos mais remotos até ao presente, pela mesma ordem por que foram primitivamente creadas?

Se a propria paleontologia offerece serios embaraços á pretendida lei da selecção natural, o facto em que esta assenta não é isento d'elles.

Certos animaes de formas gigantes e solidamente organisados só se encontram no estado fossil e segundo a theoria darwiniana seriam estes que de preferencia deveriam subsistir, porque na lucta para a existencia levariam sempre a melhor.

(Continúa.)

P.º FRANCISCO SANCHES.

SECÇÃO LITTERARIA

A ROMA!

CAPITULO II

A partida

I

Ahi por uma hora e vinte minutos da tarde, abordam por todas as avenidas á estação das Hortas os nossos peregrinos.

Distinguem-se dos amigos do *bota fóra* pela sacca a tiracolo, e o ar expansivo e resolutivo a ler-se-lhe no rosto.

Vai lá um borborinho dos meus pecados, um espalhafato sobremodo animado.

Fervem as perguntas e respostas; trocam-se cumprimentos, parabens, despedidas, recommendações; cruzam-se as malas e os saccos da noite, despacham-se bagagens, tomam-se bilhetes, anda tudo em polvorosa e, momentos depois, um trem de 2.ª classe é tomado d'escalada com notavel denodo. Agora são os ultimos abraços, os apertos de mão, os recados pressurosos comunicados já do estribo. Por fim tange a sineta, relincha o ginete de ferro e... *en avant!*

«Adeus! Adeus! Boa viagem! Feliz regresso! Adeus!» Agitam-se lenços e chapéus; accorda de repellão o monstro, espreguiça-se e parte afinal.

A este tempo concluíam algunsromeiros o *itinerario dos clérigos*, devota reza reservada pela solicitude da Santa Igreja para estes solemnes momentos:

‡ *Procedamus in pace.* † *In nomine Domini. Amen.*

II

Agora, leitor amigo, em quanto fugimos nas azas do vapor através d'estes encantados valles do nosso Minho, e o espirito repousa um momento dos cuidados da jornada, convidovos a tomar assento aqui ao meu lado, que de sejo apresentar-vos os nossos companheiros de viagem. E' propicia a occasião: vai tudo de bom humor e notavelmente expansivo.

Vede-me ali em pé aquelle snr. de rosto prazenteiro, como vai mirando através dos oculos, com tamanho interesse, a nuinerosa companhia: Podéra! se é o nosso presidente diocesano, a mesma bondade em pessoa...

Aqui, com o meu valente collaço, hoje mais que nunca todo vigor e decisão, defronta um venerando sacerdote, d'olhar doce e amavel e por tal maneira simples e caridoso, que entendo dará a camisa do corpo ao primeiro carecido, e um quarto de hora depois, nem de tal se lembrará.

D'este lado, aquelle snr. secular é um polemista catholico, lhano, generoso e dedicadissimo á causa da Igreja. Vai no seu elemento, como diz, e todo possuido do grande alcance da peregrinação que o leva attrahido, fascinado até Roma. Deixa familia estremeçada, e anda em uso de remedios: não importa, que o espirito sobrepuja a materia, e o amor vence tudo: *omnia vincit amor!*

E' seu particular companheiro este rev.º sacerdote, grave e taciturno.

Além, aquelle inquieto fallador a quem estão bailando nos olhos tão intimas alegrias, é um meu antigo condiscipulo e zelosissimo parochio d'aldeia. Portuguez de velha tempera, usa nomear as cousas pelo seu proprio nome, caminha direito ao seu fim sem rodeios nem contemplos e é capaz de fallar portuguez chão e escoreito aos estrangeiros, como se tratára com seus parochianos. Com os padres conversa em latin por ser a lingua da Igreja, acolhida nas sacristias depois de solememente maltractada e açurriada nas escholas e academias.

Olhai agora aquelle outro padre como aconhega o grosso breviario, sorrindo-se com tanta bondade; é o typo da innocencia sacerdotal, uma creança de 40 annos. Para elle o mundo todo só contém santos, com excepção da sua pessoa, bem entendido.

E este grupo de quatro ecclesiasticos, ainda moços? — Missionarios todos. O mais idoso não conta 38 annos de idade, e é já largo, bem largo o tracto de terra por elles arroteada n'esta triste charneca da igreja lusitana. Deve-se na maior parte a estes indefessos obreiros a minguada messe, esperanza de melhor colheita, que logrou vir á maturação por entre cardos e calhaus; e apazar de nossa incuria e desleixo. São benemeritos de Deus e dos homens.

E por fim tendes ali n'aquella figura ascetica, grave, molesta, silenciosa, um modelo de parochos.

E' um favo de mel escondido n'uma penha, um coração d'oiro que se ignora!

Este homem que ha muito desejava pessoalmente conhecer, sahio-me um dos caracteres mais synpathicos da peregrinação, uma alma modelada pelo meu ideal do sacerdote christão.

Quanto daria eu para ter por vizinho e mestre um tal padre!

E ponhamos ponto que nos chamam outros cuidados.

III

Veja o leitor se lhe agrada mais entreter-se com tão amavel companhia ou antes espriaiar as vistas por montes e casaes, por valles e outeiros em toda a opulencia de maio, que eu recolho-me por um pouco com os meus pensamentos.

Que mundo este! Andam agora por ali as gazetas *liberaes* assanhadas, crispas, eriçadas de dichotes azedos por onde transpiram uns despeitos e odios mal reprezados contra nós, por termos cahido no attentado de usar da nossa *liberdade* a bem d'uma peregrinação *ad limina apostolorum*.

Pois aqui á puridade: as gazetas não teem razão.

A quem offendemos nós n'este passo? a quem lesamos no decoro nacional? — Mas sempre foi timbre de portuguezes a fé catholica e a devoção á cadeira de S. Pedro; e presentemente os paizes mais civilizados não córam d'enviar os seusromeiros ao Vaticano.

A moral publica? — Mas é ao lado do innocente e opprimido que nos collocamos, é a nosso pae que vamos visitar, para o consolar, para o honrar, para lhe venerar as virtudes e os cabellos brancos.

A honra? — Mas somos pelo fraco contra o forte.

A liberdade? — Mas o Papa é o pae da liberdade, e o christão é o homem livre por excellencia.

O progresso, a civilização, o bom-gosto? — Mas desde quando foi nocivo á civilização, ao progresso, ao bom-gosto estreitarem-se as relações internacionaes, visitarem-se os povos civilizados, os imperios das sciencias e das artes, os logares affamados na historia?

As finanças? — Ha-de ser com as finanças a nossa quizilia: é senhora tão esquiva e mysteriosa esta sciencia de fresca data, que têmo bem não a molestassemos por nossa desastrada e supina ignorancia.

Então crime de lesa-economia? — Seja; n'esse caso porém, requeiro contra os mil e tantos portuguezes, visitantes da ultima exposição de Paris.

Esbanjadores do ouro nacional e... inglez, sangradores da patria, vinde a juizo!

Serio, serio: eu não atino com motivo plausivel para tamanha celeuma; e ainda que muito me repugne tal explicação, não posso deixar de reconhecer ali o fanatismo cego e odiento do *servum pecus* de chafarrica, aticado pelos *expertos* que manobram por detraz da cortina.

Pobretes! acompanha-vos a minha lastima, e peço a Deus se amerceie da vós, que bem o careceis!

IV

Campanhã! gritam de fóra.

Estamos no Porto! disse com sobresalto, é a terra classica da liberdade; toca a recolher os pensamentos reaccionarios e mostremos cara alegre.

Em poucos momentos, tomando resolutamente as malas como quem se ensaia para repetidas manobras da mesma especie, transpozemos a *gare* e eis-nos instalados n'uns detestaveis carroções d'outras eras.

Se não foi epigramma ao nosso tradicionalismo ferrenho, eram então para resguardo de nossas tristes pessoas aquelles vehiculos ferrugentos, cuidadosamente cerrados de crespas cortinas oleadas. Por este theor, iam os entrar as barreiras da invicta á guiza de fardos de contrabando, tristemente acantoados n'uns fundos escuros e mal arejados.

Porém a poucos passos andados, quiz Deus viessemos á luz do dia por um modo abrupto, mas sem consequencias: resvalou n'um atoleiro o nosso estafermo de carro, partiu o eixo e baldeouno na rua.

Não foi nada. Tomou cada qual a sua trôxa e desfilamos a pé, ali a par do cemiterio, em ar de procissão de finados.

Que bello ensejo não perderam os berradores emeritos da Porta da Sé, de nos receberem em cerimonia!

Na praça Nova estava-nos promettida uma assuada em fórmula; pois não, senhoras. A gente de pé-fresco limitou-se a enviar-nos suas risaditas alvares, adubadas d'umas *piadinhas* sufficientemente bestiaes, disparadas á queimadura das senhoras!

Valentes paladinos da liberdade! mas isso foi um ovo por um real, um mar de rozas em vez de tormenta desfeita.

Portanto, *muchas gracias* e até á vista.

(Continúa.)

PADRE MARTINS CAPELLA.

COISAS: COISAS:

O periodico as *Novidades*, depois de haver dito que é aviltar a Christo «fazê-o descer ás proporções d'um Deus» (*sic!*), affirmando repetidas vezes que elle não passou de um homem, acrescenta que *se honra* «com a amisade de alguns membros do clero».

Não faltam, por desgraça, d'estas amisades mais que suspeitas; mas felizmente tambem não falta quem diga com o Propheta-Rei: *Odívi congrega-*

tionem malignantium, et cum impiis non sdebo (Ps. 35.)

O correspondente de Roma para a *Unione* de Bolonha, segundo a *Unità Catholica* de 26 de outubro, fallando de uma entrevista que poucos dias antes tivera o reverendissimo Padre Becks, Geral da Companhia de Jesus, com o Santo Padre Leão XII, acrescenta: «O nosso Santo Padre acolheu-o com signaes de vivissima alegria; e quando elle sahiu, voltando-se para os personagens que o cercavam, Sua Santidade exclamou: «Fallei com um Santo!—*Ho parlato con un Santo!*»

O *Diario da Manhã* e outros della *stessa rima* que tanto nos «mataram o bicho do ouvido» ainda não ha muito tempo com as *profundas divergencias* e *antipathias* entre Leão XIII e o Geral dos Jesuitas o que dirão d'esta noticia? Calluda!—E' dos livros...

Achamos-lhe graça! A *Marseillaise* escrevia a 25 de outubro:

«O ministerio (francez—*radical-opportunista*) tinha duas manciaras de cair: podia cair no Senado, por causa da questão do artigo 7.º (da *lei Ferry*, contra a liberdade de ensino); e podia cair na camara dos deputados, por causa da questão da amnistia. Prefere cair de ambos os lados! Seja!»

Depois, discutindo com o *National* a proposito da sua condemnação, a *Marseillaise* diz algumas verdades como *punhos*. Entre outras:

«Se o snr. Royer tem razão de mandar para a cadeia o snr. Humberto (o socialista ha pouco nomeado membro da camara municipal de Paris) e de suspender a *Marseillaise*, os snrs. Rouher e Dillout (ministros de Napoleão III) tiveram igualmente razão de metter em ferros os amigos do *National* e de suspender os seus jornaes. Todavia elles achavam isso mau. Que conclusão tira o publico? Que esses senhores são simples farcistas, que não odiavam o imperio senão porque não eram seus ministros.»

E' verdade! Mas (não esfregue as mãos o *Protesto*) tambem não deixa de o ser que o *National* podia retorquir o argumento, e dizer que os taes senhores da *Marseillaise* fallam assim por que não são ministros. E' bem sabido o que vale o seu respeito pela liberdade de imprensa, que agora reclamam em altos gritos. Não foi a sua queridi-

nha Communa de Paris que a 19 de abril de 1871, por um simples decreto, supprimiu *quatro* jornaes, e *seis* a 11 de maio, e mais *dez* poucos dias depois?! No decreto datado de «28 floreal, anno 79» dizia a *liberalissima*:

«Os ataques da imprensa contra a republica e a Communa serão submettidos ao Conselho de guerra—*seront déferés à la Cour martiale.*» Que tal! Ainda não basta. Continúa:

«Os impressores serão perseguidos como cúmplices e suas impressas fechadas», etc.

Isto não impede, bem entendido, que a *Marseillaise* continue a gritar em quanto a deixarem, e que tenha razão de sobra, razão—para dar e vender, contra os *opportunistas*.

Uns e outros... boas *firmas!*

De resto, a plena liberdade de imprensa nunca existiu e nunca existirá. Quem a pede e quem a promete é enganado ou pretende enganar.

São aproveitaveis as tres seguintes noticias que a *Esperança* transcreve da India Catholica de Bombaim, chegada ultimamente. Embora seja malhar em ferro frio, todavia archivemol-as:

«E' nomeado delegado de S. Magestade a Rainha Imperatriz para vigiar a execução do tractado anglo-portuguez, o sr. Arthur Crawford, C. J.»

S. ex.^a leva como seu privado secretario a Mr. D. Hogan, antigo alumno dos padres jesuitas do collegio de S. Francisco Xavier, o bacharel em artes formado pela Universidade de Bombaim» (n'essa universidade—aqui entre parenthesis—apezar de paga pelo governo inglez, não se ouvem dislates *garcieiros* nem *barateiros* como na de Coimbra).

«Na tarde de domingo passado chegou ao nosso porto o vapor *Sumatra* da companhia Rubattino, trazendo entre outros passageiros duas Irmãs da Caridade e um padre para o Vicariato Apostolico de Vizagapatam, e tres padres com tres irmãos conversos da Ordem dos Capuchinhos para as missões de Agra e Patna.

Seguiram para os seus destinos na tarde do dia immediato.»

Estes inglezes sempre estão muito atrazados! — atrazadissimos!

Ouçam mais:

A 11 d'este mez deviam partir da Inglaterra, com destino para Bombaim, quatro padres da Companhia de Jesus.

Era provavel que seriam acompanhados até Bombaim por dois padres inglezes para a Missão de Mangalore».

De modo que não só «Irmãs da Caridade» e «capuchinhos», mas até Jesuitas!!

Os inglezes perderam o juizo, não ha que duvidar!

E se não, que o digam todos os *ennes e erres democratiqueros e monarqueros* do liberalismo portuguez.

Elles é que *têm juizo*; o mais é *historia*.

Tambem é por isso que as nossas colonias *prosperam* a olhos vistos, ao passo que as da Inglaterra (como as da França, da Hespanha e até as da Hollanda...) com Lazaristas, Josuitas, capuchinhos e Irmãs da Caridade *definham e... morrem!*

Sem a minima controversia, Portugal n'este ponto é a *primeira* nação do mundo.

Más linguas andam por ahi fora dizendo outras coisas; mas quem faz caso?

Invejas, invejas do nosso *muito juizo!* — isto é, do juizo dos *Erres e Ennes* (..) nossos senhores por obra e graça... da *trolha*.

No *Univers* de 31 de outubro lê-se:

«Ainda um novo triumpho para os Jesuitas e para os Irmãos das Escolas Christãs! Eis que um de seus alumnos é recebido como sendo o PRIMEIRO (isto é o mais avantajado a todos) na escola das minas! Chama-se Mauricio Nivon. Estudou no Collegio dos Jesuitas de Saint-Etienne (Loire).

«Agora uma approximação:— O lyceu de Saint-Etienne apresentou aos exames 40 alumnos: foram recebidos 9.

«O collegio congreganista (um dos mais modernos e menos numerosos que existe em França) apresentou 18: foram recebidos 15.»

Os *ferrystas* de todos os paizes vão ficar fulos e silenciosos.

E quando lhes constar (por ora não lhes consta nada!) que muitas e muitas escolas *leigas* das que substituiram as congreganistas estão quasi ás moscas! — e que n'alguns logares os tribunacs teem obrigado, *etiam manu militari* (sic), certos municipios republiceiros a reinstalar os Irmãos em suas casas, de que haviam sido expulsos!... E'

para dar com a cabeça n'uma esquina!

Segundo lêmos n'um bellissimo artigo da *Ordem* de 19 de novembro o sr. lente de Direito, E. Garcia, continúa ensinando o seu positivismo materialista e atheu na Universidade, á custa dos catholicos! Dizemos *continúa*, por que a coisa não é nova, como se pôde ver em varios lugares do *Liberalismo Desmascarado*. Se alguma differença existe, é que d'antes o tal sr. lente ensinava a impiedade um pouco mais embuçadamente. Agora já declara, ao contrario do que tantas vezes declarara na *Correspondencia de Coimbra* e n'outras partes (quando protestava contra aquelles que tachavam de anti-catholicas as suas doutrinas) que não acredita em Deus nem em Santa Maria. Segundo affirmou a 18 de novembro na sua cathedra universitaria, *mostra-se pesaroso* de ter defendido na dissertação do seu 4.º anno haver harmonia entre as narrações genesiaca e os dados da sciencia. Estudos posteriores fizeram-lhe ver que *tal harmonia não ha*. Naturalmente leu o *Conflicto* do americano Drapper, e não sabe que elle foi pulverisado na Italia, na França, na Hespanha, e que a estas horas só excita um mixto de compaixão e desprezo entre os verdadeiros homens de sciencia (!).

Ha homens cujo progresso se manifesta convertendo-se; e outros em que elle se manifesta (progresso peor que o de caranguejo) pervertendo-se. Tambem Garibaldi escrevia a 23 de março á *Gazzetta del Popolo*: «Eu presinto Deus no intimo da minha alma, e a harmonia das leis com que elle semeou de mundos o espaço, me provam a sua existencia». Doze annos depois, ha poucas semanas (*diavit insipiens in corde suo: non est Deus*) o heroe dos «dous milhões» proclama o absurdo, não se sabe se mais impio ou se mais ridiculo: «Não foi Deus quem creou o homem, mas o homem creou Deus:— *L'uomo cred Dio, non Dio l'uomo*.

Do mesmo modo, Victor Hugo, na segunda infancia...

Voltando porém ao nosso lente e a outros lentes semelhantes, pagos á nossa custa, *quosque tandem...?!*

UM VIMARANENSE.

(!) Contra as doutrinas de Drapper e por conseguinte contra as do sr. Garcia recomendamos sobre tudo—*La Storia del Conflicto fra la Religione e la Scienza... discussa dal P. G. M. Cornoldi; Bologna 1879*; e tambem *Les Malheurs de la Philosophie, par le P. de Bonniot; Paris 1879*.

EU, O LEITOR E A FAMA

«Chamam-te fama, e gloria soberana,
«Nomes com que se o povo doceio engana.»

CAMÕES.

—Em rolos anda a gentalha!
falla, borra, grita, clama!
Que coisa haverá de novo
não me dirás tu, ó Fama!—

«Quanto és nescio! pois ignoras
«o que o mundo inteiro sabe?!
«um successo, mas dos raros—
«que nem já na terra cabe!!

«Não andei alvoroçada...
«pela terra e pelo mar...
«espalhando co' esta tuba
«um drama que não tem par!?!»

—Desculpa-me... tem paciencia,
mas, ó Fama (por quem és)
diz'-me, é por isso que o povo
vira a cabeça p'ra os pés?!

E' por isso? é por um drama
que so vê tanta alegria?!
Continúa com a historia...
tens homem que em ti confia...

«Deves saber (mais disse ella)
«que um tal Ennes... de Lisboa...
—Vamos; anda, acaba, ultima...
não me cheira a coisa boa!...

«fizera esse drama insigne...
«que tem causado ruido...
«tem por tit'lo «Lazaristas»...
«já por certo tens ouvido...

Ah! Compreendo. Os lazaristas
de Christo ficis soldados
são agora em bruto palco
rudemente injuriados!!?

—E em tuas azas ligeiras
tens levado a novidade?
Ora a tuba que sustentas
fazel-a calar quem ha-de?!—

Ao dizer isto não pude
não me pude já conter;
sova dura dei na fama
puz-lhe as orellhas a arder!

Pois, que duvida! Não peças,
ó leitor, satisfação!
Se o caso fôra contigo
farias a mesma acção.

Bem sei que sahi dos termos,
das prescriptas leis civis,
mas razão tive eu bastante;
aqui está o leitor que o diz.

Diffamar-se assim o Clero
por um NN! Est'agora!

Inda pr'a mais esta Fama
levar fama por'hi fóra!!

Bem sei que ha muitos que gostam
d'ouvir novas, d'ouvir contos,
e ao que é novo e nunca visto
a vêr sempre se acham promptos.

Mas por isso é que este mundo
vai caminhando a revéz!
Ai, mundo, que te viraste
da cabeça para os pés!

.....
.....
.....
.....

Eis o drama em scena posto
deshonra p'ra Portugal!!
Eis applausos, vivas, palmas,
parabens—tudo brutal!!

—Louca és fama, (prosegui)
infame em tudo contar!...
Vê malvada o que fizeste
em a nova ires 'spalhar:

apoucar a fé nos crentes,
embargar o passo ao bem,
desacreditar o padre,
onte que ao mundo convém...—

Esse Ennes... disse eu commigo,
tem a arder o seu juízo!
deu-lhe p'ra alli a mania...
ha gente com *muito* sisol!

Era agora o que faltava
da Lusitania surgir
um NN todo infunado
(o caso é, leitor, de rir)

que viesse em drama estulto,
com palavras tão *bem ditas*
dizer ao mundo n'um palco
o que são os=jesuitas=!! (1)

Sim! que o povo bem sensato
não sab'rá quem elles são!!
Muito *sabio* cá na terra
sustenta de Deus o pão!!!

(1) Ultimamente, segundo noticias estrangeiras, soube-se que o digno chefe de policia no Pará prohibira a representação do drama do Sr. Ennes «Os Lazaristas» attendendo, por certo á pessima moral que o drama encerra, e isto para evitar a desmoralisação. Enquanto lá fóra se tomam medidas tão justas, entre nós, sim, cá no nosso Portugal que se faz? Deixa-se obrir o veneno que contamina a sociedade, deixa-se levar á scena as scenas mais aviltantes que se possam imaginar! E assim é que se vai progredindo não só dia a dia mas de momento a momento!! Ai Portugal! Portugal! que vais á véla.

R. L. O.

—Vai-te, Fama, p'ra bem longo
e esfregada assim (foi nada)
aprende a espalhar só coisa
boa ou justa, honesta e honrada.—

.....
.....

Oh! quam triste é ver o mundo
para o abysmo caminhar!
Razão ha quando se canta
este mote popular:

«Oh mundo que foste mundo
«oh mundo que já não és!
«oh mundo, que te viraste
«da cabeça para os pés!!»

R. L. O.

THEREZA DE JESUS

POB

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS DE MARCO

TRADUÇÃO DO

P.º LIMA

(Continuado do n.º 2)

IX

No dia seguinte sahio Santa Thereza de Avila acompanhada de Fr. Antonio de Heredia e de S. João da Cruz.

Fundou os dous primeiros conventos, resultando d'isso o encherem-se immediatamente de noviços, realisando-se assim os presentimentos da Santa.

Alcançou licença para proseguir em sua santa empresa, e depois de muitas mortificações, que seria prolixo enumerar, mas que facilmente se podem deprehender, chegou a fundar, com um zelo incansavel e sem poupar-se a fadigas, trinta conventos, dezeseis de religiosas e quatorze de religiosos, vigorando em todos elles sua reforma.

Gastou n'esta empresa gigante muitos annos e de tempos a tempos ia visitar os mais antigos e sobretudo os seus queridos conventos de S. José e da Encarnação d'Avila, que foram os primeiros que fundou e por isso o oasis onde costumava entregar-se por alguns dias á oração e a seus trabalhos litterarios.

Estabeleci-la já completa e radicalmente em Hespanha a reforma, retirou-se ao convento que havia fundado em Alba, e alli consagrou todo o tempo que lhe restava das suas obrigações á meditação e á conclusão de varias obras.

Concluiu sua Vida, ainda que não a

levou até onde era de desejar, escrevendo-a tão sómente um pouco adiante da sua profissão; chega ao periodo da fundação do seu primeiro convento, deixando-nos os acontecimentos que depois se seguiram, envoltos em espessas nuvens.

Escreveu tambem:

O caminho da perfeição para uso das suas freiras.

Estatutos para os conventos de Carmelitas descalços.

Historia das fundações dos conventos reformados.

O castello da alma.

Tratado dos pensamentos sobre o amor de Deus.

Tratado da perfeição.

Instrucções sobre a oração mental.

Modo de visitar os conventos de religiosas.

Meditações para depois da communhão.

E suas magnificas *Cartas.*

Todas estas obras foram reunidas e compiladas pelo Geral da Ordem do Carino Fr. Diogo da Conceição, que as fez imprimir em Bruxellas no anno de 1675 em dous tomos in-folio e os dedicou á rainha de Hespanha, D. Anna d'Austria.

D. João de Palafox, commentou suas cartas e publicou-as em Saragoça em 1658.

Santa Thereza de Jesus morreu aos sessenta e sete annos, cheia de meritos, no seu convento d'Alba, onde residiu quasi sempre nos ultimos vinte annos de sua vida.

Levantaram-lhe um magnifico mausoléu, em cuja lapida gravaram este epitaphio:

Restituída ao seu primitivo rigôr a regra dos padres do Carmelo.

Fundados muitos conventos de frades e freiras.

Escriptos muitos livros que ensinam a perfeição da virtude.

Tendo o dom de profecias e o dom de milagres.

Como celestial estrella voou ás estrelas a B. Virgem Thereza.

A 4 de outubro de 1582.

Esta sepultura não guarda só as cinzas de tão excelsa santa; mas sim o seu corpo fresco e sem corrupção, e com o suavissimo odor, signal da gloria em que vive sua alma.

Pelo estabelecimento do calendario gregoriano, coincidiu depois o dia da sua morte a 15 d'outubro, que é quando d'ella agora reza a Igreja.

Apesar de no seu epitaphio se fallar de *milagres* tolavia nem na vida da

santa, nem nas suas obras, se faz menção de nenhum.

O que sim se affirma é que cahia em frequentes extasis, e que então a formosura de seu rosto, que era sempre admiravel, adquiria um caracter verdadeiramente celestial.

Entre todas as obras asceticas de auctores hespanhoes, póde dizer-se que são as de Santa Thereza as que mais e com mais empenho são procuradas, e isto é naturalissimo se se attender ao esclarecido engenho que sobresahe n'ellas, á excellente dicção, elevação d'estylo e pureza d'ideias.

Não são menos notaveis as composições poeticas d'esta eximia doutora da Egreja, cujo talento para escolher e tratar os assumptos, assim como a divina inspiração que em todos elles resalta, são verdadeiramente admiraveis.

No mosteiro do Escorial e na sala chamada o *Camarin*, onde se guardam varias reliquias, preciosidades artisticas e objectos de devoção, se conservam quatro livros originaes e escriptos pelo proprio punho de Thereza de Jesus: algum que os viu diz que a letra não é boa, mas que, por sou talho dá a conhecer que a sabia auctora devia escrever com bastante velocidade.

Dois d'estes livros são in-folio e contém a *historia de sua vida* e a *das fundações da reforma*; os outros dous são in-quarto e tratam *do modo de visitar os conventos de religiosos* e *o tratado do caminho da perfeição*.

Com estes interessantes originaes, se conserva tambem uma escriptura de que usava a Santa, provavelmente era uma escriptura portatil de que se servia nas suas continuas viagens, quando se occupava do estabelecimento da reforma, pois diz-se que o tinteiro e o arceiro eram mettidos dentro de uma caixa de pau em forma de breviario.

A santidade da vida de Thereza de Jesus, os milagres que segundo se affirma, operou Deus por sua via, e a veneração em que tinham os fieis sua memoria motivaram a que El-Rei Philippe II pedisse encarecidamente ao Summo Pontifice sua canonisação; tiradas as informações e diligencias do costume, foi beatificada pelo SS. Padre Paulo V em 1614, e oito annos depois, isto é, em 1622, foi solemnemente canonisada em Roma pelo SS. Padre Gregorio XV.

Temos historiado a vida d'esta illustre hespanhola desde seu nascimento até sua morte; a glória que conquistou como santa, como escriptora e como fundadora é immensa: porém nenhuma attinge á que alcançou com a fortaleza em vencer-se a si mesma.

Desde a mais tenra idade até quasi á velhice teve de lutar constantemente com seu coração: sirva isto de salutar

exemplo ás pessoas que desanimam logo com as primeiras contrariedades da vida, pois nem sempre se nasce com uma perfeita vocação, assim como não é difficil obtel-a, passados muitos e desesperados combates.

Nossa patria se ufana de possuir tão illustre filha e a meu vêr, com muita razão, pois as circumstancias de sua vida tornam Thereza de Jesus um modelo de constancia, de virtude, e de perfeição christã.

Descendente d'uma familia illustre, senhora de mais que regulares haveres de fortuna, possuindo uma brilhante educação, e devendo á natureza tudo quanto ella, com mão prodiga, costumava conceder á mulher para a fazer o verdadeiro typo da mais encantadora formosura, e de todos os attractivos do engenho e da elegancia, Thereza de Jesus, receio encontrar um abysmo diante de todos os seus passos e d'aqui a resolução sublime de acolher-se sob a égide do ceu.

A morte de sua boa mãe, a perda d'esse amparo, unico que existe no mundo para uma joven de tão brilhantes qualidades como Thereza, não deixou de concorrer em grande parte para a levar a dar este passo. Mas depois de sua resolução formada, depois de a vermos votada de coração ás cousas do ceu, quantas vezes não vimos vacillar esse ardor, esse apêgo á fé religiosa! Quantas vezes as suas aspirações se arremessavam para o mundo! Que de vezes não suspirava pelos prazeres da terra! Que serie de soffrimentos, de pezares, de dores!

Mas de tudo sahio triumphante a santa e formosa Thereza, porque no ceu, esperavam-na as corôas com que Deus costuma ornamentar as frentes da virtude, do genio, da virgindade.

Outra corôa poderamos ainda acrescentar—a do martyrio; pois nos parece que ninguem no mnndo poderia soffrer o que em suas enfermidades soffreu a santa virgem.

A sua reforma não tardou a estender-se pelas principaes cidades da America, pela França, Italia, Paizes Baixos etc, etc, e a gloria da santa fundadora voou a todos os ambitos da terra, e em toda a parte achou altares para sua imagem.

As obras de Santa Thereza de Jesus são hoje muito procuradas e devidamente estimadas sobretudo em França onde tem sido, por vezes, traduzidas.

FIM

RETROSPECTO DA QUINZENA

Escrevemos esta revista no dia em que a Egreja Catholica commemora o 25.º anniversario da definição do do-

gma da Immaculada Conceição, e, bem que nos peze, sentimos dizer que Guimarães, a terra que tem por padroeira a Virgem Santissima, deixe passar indifferente este dia!

Parece que Guimarães vai pouco e pouco deixando perder essa religiosidade que tanto a distinguira, essa virtude que nossos paes nos legaram e que nós jámais deveramos deixar olvidar.

Guimarães, diga-se, ainda que peze a alguém, está passando aos olhos das demais cidades do reino por uma terra esquecida, por completo, das suas antigas e nobres tradições.

Que importa que extensos corredores se patenteiem á curiosidade do publico; que soberbas abobadas se arqueiem imponentes por sobre o forasteiro, que visite alguma das nossas casas de caridade, se o templo é despido das gallas e louçanias que tanto fallam á alma? Que valem soberbas e custosas fronteiras, magnificos guarda-ventos envidraçados se lá dentro reina o mais profundo silencio, quebrado a espaços, pelo broxulear das alampadas? Que importa que se gastem sommas consideraveis, que aliás são para agradecer, a quem tão generosamente as gasta, se as portas do templo se não abrem para dar aos fieis uma d'essas festividades tão proprias, tão typicas da Religião Santissima que professamos? Ha que tempo os porticos dos nossos templos não dão saída a uma d'essas procissões que foram, são ainda hoje e serão em todos os tempos o enlevo, a alegria do nosso povo?

Deveras lastimamos este desleixo, este não sei quê, que anima os directores d'algumas corporações religiosas da nossa terra, e muito recciamos que, quando a belleza das pinturas deslumbra os artistas, esteja o povo já desaccostunado de ir ao templo.

Vá sem offensa a quem toca o que deixamos dito, que para guardar consideração, a esta tribuna não viemos.

* * *

Entremos no asylo de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, onde se festeja o segundo anniversario da installação d'uma escola de meninas.

O que não gostar das irmãs de caridade, aquelle a quem incommoda a touca das irmãs hospitaieiras, essa touca tão respeitada nos hospitacs, nos acampamentos, nas escolas, esse fique lá fóra, estacione á porta da rua, que guarida não tem onde a virtude e a caridade asylo encontra.

E' uma pequena casa onde se eleva o altar da Virgem Immaculada. A um lado estendem-se as bancadas escolares e do outro offerecem-se á vista dos curiosos os trabalhos das alumnas. Estas, alegres como a innocencia, formosas co-

mo a juventude, candidas e moigas como todas as florinhas creadas ao bafejo do christianismo, animam o quadro com sua presença. E que animação, que contentamento a espelhar-se n'aquelles olhos, azues uns como a côr do manto da Virgem, negros outros como negras são as paixões terrenas; mas todos a mostrarem o contentamento que vae n'alma de suas donas, todos a sorrir, todos a expressar a alegria, o prazer que enche aquelle santo albergue, e que vem ainda cá fóra dar vida, animar aquelles que estacionam a um sol formosissimo!

E' sempre tocante a cerimonia da distribuição de premios n'uma casa de educação. A alegria com que as creanças recebem o pouco que lhe dão para galardoar o seu constante trabalho e aproveitamento durante um anno, é impossivel de descrever-se. Dariam ellas, as tenras mulherinhas, todas as grandezas da terra, todos os imperios do mundo; mas o que não dariam era esse pequeno objecto que seguram nas mãos como o premio dispensado ao trabalho.

Em seguida á distribuição dos premios assistimos ao jantar que as innocentes meninas offertaram aos pobres do asylo.

Foi um jantar abundante servido pela innocencia. Ao vermos aquella nuvem de mimosas creaturas servir os desgraçados estivemos a crêr que uma nuvem d'anjos havia descido do céu para exercer a caridade em nome de Christo. E desejamos, perdoe-nos Deus, ser uma d'aquellas velhas para sermos servido pelos anjos, ou ser uma d'aquellas creanças para nos parecermos um anjo.

E como ellas corriam presurosas a provêr do necessario a todos os pontos da mesa! E como recusavam os serviços das irmãs hospitaleiras sempre que ellas se antepunham no seu caminho! Com que alegria, repassada de santa innocencia, recusava uma d'ellas os serviços das irmãs, com estas palavras: *não é preciso, minha irmã!* E esta palavra *irmã*, pronunciada por labios juvenis, e em meio d'uma multidão curiosa, fazia-nos pular de gozo o coração por vêr que essa palavra, escutada com horror pelos libertinos de nossos dias, é ensinada ali ás creancinhas, que jámais se esquecerão de pronuncial-a.

Bem haja quem primeiro se lembrou de instituir aquella casa e mais ainda quem se lembrou de para ali chamar as irmãs hospitaleiras.

Agora que a multidão ha deixado um pequeno espaço em volta dos trabalhos das gentis creanças, vamos vêl-os. Que competencia para avalia-l-os nos falta em demazia; mas nem por isso podemos

furtar-nos ao desejo de examinal-os detidamente.

Havia ali trabalhos admiravelmente bem acabados, sobresahindo d'entre elles, pelo esmero como foram feitos alguns bordados a lã, a ouro e a seda.

Não é intento nosso descrever todos os objectos ali expostos, que nem o tempo nos sobra nem o espaço o permite, mas gravaremos aqui os nomes das meninas: Maria Neves, Maria de Belem, Anna Pereira, Carolina Neves, Joanna Mello, que nos deram nos trabalhos apresentados o quanto podem aquellas tenras intelligencias se guiasdas forem sempre por habeis mestras como as que dirigem aquella casa de instrucção.

Além d'estes nomes havia outros que desejamos mencionar, mas que a memoria nos não apresenta n'este momento.

Em escripta, problemas arithmeticos, etc., etc., etc., a julgar pelas provas patentes, podemos endereçar nossos emborates ás mestras e ás discipulas.

Seria um crime da nossa parte o não fallar das flores que ornamentavam o altar da Virgem, feitas pelas irmãs. Duas rozas, sobretudo, chamaram a nossa attenção, e a não ser um nosso amigo, que nos acompanhava, tel-as-hiamos como duas rozas colhidas n'esse dia, de mimoso e bem cultivado jardim.

A' mesa da real irmandade, ao seu digno provedor, o ex.^{mo} snr. dr. Manoel Bernardino d'Araujo Abreu, que por sua mão distribuiu os premios ás meninas, damos os parabens em nome da imprensa catholica de Portugal, que nos orgulhamos de representar, pelo character puramente catholico que está dando áquella casa.

O que deixamos escripto ácerca da real irmandade dos Santos Passos parece destoar do que dissemos em outro logar d'esta revista. Mas é que esta corporação parece animada por um outro espirito que não o que anima as demais corporações da nossa terra.

Um dia delinearão umas torres de formosa architectura. Lançaram-se as primeiras pedras; foram crescendo, crescendo, até desahiar as nuvens com suas grimpas. Concluíram-se. Depois quizeram uns sinos novos, afinados; vieram os sinos. E durante a construcção das torres, durante o tempo que se arranjava o dinheiro para os sinos, a procissão dos Passos, a primeira e mais imponente das procissões que aqui se fazem, foi sempre posta na rua. Depois quizeram um asylo, pobres para sustentar, creanças para educar, e irmãs da caridade, etc., etc. tudo conseguiram, e as festas e as procissões sempre com mais esplendor que d'antes.

E' por isso que teremos sempre louvores que endereçar-lhe porque esta cor-

poração está com as nossas ideias, entende o verdadeiro progresso—o progresso catholico, o unico que se pôde oppôr ao progresso materialista, a esse progresso estúpido e descrente, que só cuidando da materia se esquece do espirito, que só fitando a terra não vê o céu, que acostumado ás trevas se incommoda ao vêr a luz, essa luz que se irradia dos braços da Cruz e que, qual torrente brilhantissima, cobre toda a terra.

Que essa casa continue em progressivo estado é o que nós desejamos como vimaranense; que ella seja o albergue d'essas mulheres privilegiadas, que só com a sua presença são o azorrague dos *espiritos fortes*, é o que anhelamos como catholico.

Deixemos Guimarães e vamos, leitor, se te apraz, á capital da visinha Hespanha, assistir, ainda que em espirito, ás festas deslunbrantes com que aquelle povo sauda a formosa princeza que é hoje rainha dos hespanhoes.

Nada mais bello, nada mais agradável para uma alma como a nossa, que se alegra com as alegrias dos outros, que vêr um povo em festa, procurando por todos os meios mostrar a alegria que lhe vae n'alma.

Tivemos lagrimas que offertar á memoria da rainha Mercedes quando nos chegou a noticia de sua morte, assim como temos agora risos com que acompanhar o povo hespanhol em meio do seu frenetico regosijo.

E como não deve alegrar-se aquelle povo com a sua nova rainha se vê espelhar-se em seus lindos olhos azues todas as virtudes que fazem bella uma alma de mulher? A rainha D. Christina era acompanhada por sua mãe e por grande numero de altos personagens.

O casamento teve lugar na basilica d'Atocha, no dia 29 do passado, e o luxo que por essa occasião ostentava a côrte hespanhola era extraordinariamente espantoso.

A rainha Izabel, essa dama christã que a politica banira da terra onde fóra rainha, assistiu tambem ás festas nupciaes, e mais uma vez o povo de Madrid mostrou o seu amor pela rainha catholica.

Já que estamos em Hespanha não sahiremos d'ella sem fallar da morte da condessa de Montijo, mãe da infeliz ex-imperatriz dos francezes. Na sua deliciosa quinta de Carabanchel deu a alma ao Creador a velha condessa que não teve a felicidade de á hora da morte vêr junto do leito a filha infeliz, que depois de perder o throno, o esposo, o filho, acaba de perder a mãe!

A condessa nascera em 1793, contando portanto 85 annos.

Devem lembrar-se os nossos leitores da nossa admiração ao lêr a noticia de que a maçonaria acompanharia o cadaver do general Osorio. A'cerca d'esta noticia que demos e para tirar-nos de duvidas e aos leitores, que acaso tenham o general como fallecido fóra do gremio da Egreja, não é fóra de proposito o transcrever o seguinte do *Apostolo*, nosso collega do Rio de Janeiro, pelo que se fica sabendo que o general Osorio fóra maçon, mas que o não era ao deixar este mundo:

«Eu, Frei Fidelis, declaro ser verdadeira a noticia da morte do bravo general Osorio, como foi dada pelo *Apostolo*; e que por isso mesmo foi, que celebrei na egreja de S. Sebastião a missa, que foi annunciada no *Apostolo* e n'outras folhas d'esta côrte.

«Como sacerdote, e como muito amigo do general Osorio, teria muita pena se, assistindo aos seus ultimos momentos, o visse morrer de outra maneira.

«Declaro mais que esperava pela *declaração*, (arranjada de encomenda pela *seita*, para desmentir o *Apostolo*: o illustre sacerdote vingá-o bem) porque, na propria casa do general, um de seus signatarios me havia ameaçado com a imprensa, por eu procurar que o general morresse do modo mais catholico, que na occasião era possivel.

«Digna de notar-se é a lembrança dos signatarios, que affirmam ter eu tomado por vivo quem já era cadaver!!!»

«Ora, eu, Religioso Capuchinho, tão acostumado a ver morrer, a assistir a moribundos nos campos do Paraguay, nos hospitaes e em muitas casas, para as quaes me chamam para exercer o meu sagrado ministerio sacerdotal, não distinguir um homem vivo de um cadaver, é effectivamente bom lembrado, e só podia sei-o pelos signatarios da tal *declaração necessaria*.

Rio 9 de outubro de 1879.—Frei Fidelis d'Avola.»

Do mesmo *Apostolo* transcrevemos a seguinte carta que o mesmo diz autentica e inedita, e que nós nos apresamos a publicar por ser firmada por um dos mais benemeritos e esclarecidos bispos do Brazil, o ex.^{mo} rev.^{mo} D. Frei Vital Maria d'Oliveira Gonçalves, que nos honrou com uma carta do seu proprio punho, escripta da fortaleza onde a maçonaria o tinha prezo, carta que será uma eterna e honrosa memoria do quanto devemos áquelle martyr do catholicismo (1).

A carta que em seguida publicamos

(1) Veja-se o principio do livro *A Maçonaria e os Jesuitas*, pelo Bispo d'Olinda, onde fizemos publicar esta carta.

foi escripta aos jesuitas na noite em que a maçonaria invadiu o collegio de S. Francisco Xavier. Eil-a:

«Martyres de Jesus Christo.

«Saudo-vos do mais intimo d'alma. Dou-vos os mais sinceros parabens! Beijo-vos os pés, ó homens privilegiados, por que fostes achados dignos de soffrer pelo nome de Nosso Senhor Jesus Christo.

«Ah! Algum peccado meu me privou de tamanha graça. Rogai ao Senhor para que me perdôe os meus peccados, e me torne digno tambem da mesma graça. Tereis vós, irmãos, camas em que repouisar esta noite? Vinde! Vinde! Em meus braços achareis um asylo, e em meu peito um lugar onde reclinar a cabeça.

«Houve algum ferido? Que sangue feliz!

«Orai por vosso irmão,

✠ *Frei Vital*, Bispo de Olinda.
Soledade 14 de maio de 1873.»

Já que estamos no Brazil não o deixemos sem narrar a morte do venerando Bispo da Bahia, noticia que encontramos nas folhas do Brazil.

«Effectuou-se no dia 9 de novembro, na cathedral da Bahia, o funeral do finado arcebispo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo. A's 9 horas da manhã, estando presentes o presidente da provincia, cabido metropolitano, chefe de policia, general commandante das armas, coronel commandante do corpo de policia e muitas outras autoridades civis e militares, diversas Ordens e irmandades religiosas, officiaes do exercito e da armada, e grande numero de cidadãos de todas as classes, começou o officio fúnebre, que terminou á 1 hora da tarde. Fimda essa cerimonia, foi o cadaver do venerando metropolitano dado á sepultura na capella do Santissimo Coração de Jesus, depois das ceremonias religiosas do estylo.»

Eis alguns apontamentos biographicos que os mesmos jornaes nos dão do respeitavel primaz:

«Nasceu, a 19 de feveiro de 1814, na então Villa de Tury-assú, na provincia do Pará, e hoje cidade do mesmo nome, que se acha incorporada á provincia do Maranhão; era filho do capitão José Estevão de Azevedo e de D. Thereza Candida de Jesus Azevedo.

Tendo feito os seus primeiros estudos n'um collegio do Maranhão, passou a cursar as aulas do Seminario do Pará, onde, por sua applicação, intelligencia e lhaneza de tracto, grangeou a estima dos seus superiores e de todos quantos com elle praticavam. O venerando D. Romualdo de Souza Coelho, que então dirigia os destinos da egreja paraense, inspirando-se nas habilitações e procedimento exemplar do joven Aze-

vedo, galardoou os seus merecimentos, confiando-lhe a regencia da cadeira de latinidade.

A 19 de abril de 1837 foi-lhe conferida a ordem de presbytero, celebrando a sua primeira missa no dia 16 de junho do mesmo anno. Em 1839 foi apresentado e tomou posse de uma cadeira da cathedral, exercendo esse lugar e o de lente do seminario até depois do passamento de D. Romualdo Coelho.

Quando, em 1848, se fundou o seminario de Manáos, foi escolhido para o importante cargo de reitor do novo estabelecimento, do qual assumiu a administração em dezembro do referido anno.

No Amazonas occupou diversos cargos civis, como director geral dos indios, director geral da instrução publica e 2.º vice-presidente da provincia.

Por fallecimento do conego Raymundo de Mattos, foi nomeado vigario geral e reitor do seminario episcopal, sendo em 1863 apresentado na dignidade de arceidiago. Achando-se vaga a diocese de Goyaz, foi elle nomeado bispo, em cuja dignidade foi confirmado no consistorio de 25 de setembro de 1865.

Em 1866, no dia 1.º de julho, foi sagrado bispo na cathedral do Pará, impondo-lhe a mitra o snr. D. Antonio de Macedo Costa. Seguiu para a sua diocese em abril de 1867, onde se applicou exclusivamente ao bem estar de suas ovelhas, que, para molhor conhecê-las, emprehendeu longa viagem pelo interior da provincia. Dotou a sua diocese com um seminario, onde, na ausencia de sacerdotes para o curso theologico, exerceu as penosas funções de lente, dando assim o mais edificante exemplo de amor ao trabalho e a mais inequivoca prova de quanto lhe interessava o engrandecimento moral dos seus diocesanos.

Alli, n'aquella provincia, ao lado de seu rebanho, que estremecia de ineffaveis jubilos pela feliz aquisição, que fizera, de um tão virtuoso pastor, foi elle escolhido pelo imperador para occupar o mais alto lugar da igreja brasileira, sendo nomeado arcebispo e primaz da Bahia em 14 de março de 1876 e preconisado no consistorio de 19 de dezembro do mesmo anno. Das mãos do snr. bispo do Rio de Janeiro, recebeu o pallio na igreja do Castello, no dia 29 de abril de 1877, chegando á Bahia em 14 de maio do mesmo anno, assumindo no mesmo dia a administração da respectiva archidiocese.

S. exc.^a deixou testamento, do qual se encontra o seguinte periodo, que dá uma ideia da nobillissima alma do virtuoso prelado:

«Tendo sempre distribuido com os

pobres e necessitados e empregado em beneficio das igrejas de Goyaz e da Bahia, e em obras diocesanas os poucos rendimentos de meus beneficos, declaro que nada possuo, á excepção de alguns objectos necessarios ao meu uso, os quaes se acham nas duas casas da minha residencia.»

* * *
N'uma correspondencia de Coimbra para um diario do Porto lê-se:

«Consta-nos que uma comissão nomeada pelo governo, sob proposta da Academia Real das Bellas-Artes, virá brevemente visitar o mosteiro de Lorrvão a fim de estudar os meios de resguardar de uma destruição completa tantos objectos de valor artistico e merecimento historico que alli existem, confiados unicamente á descuidosa vigilancia de uma velha religiosa.»

E conclue o correspondente com o seguinte:

Agrada-nos esta resolução do governo.

A nós agradava-nos mais que o governo em vez de nomear comissões deixasse entrar n'aquelle mosteiro algumas jovens com vocação para a vida religiosa, que ainda as ha, e muitas, louvado Deus, para que aquella casa ficasse confiada á vigilancia d'ellas, deixando de o estar á descuidosa vigilancia de uma velha religiosa. Pois porque é que só existe em Lorrvão uma velha religiosa? E' porque não ha quem, sendo nova, para lá queira ir? Não de certo. E' o governo que não deixa, ó o governo que tem medo ainda das freiras! Que ridiculos não são estes nossos governos! Como os governos estrangeiros se devem rir d'esta patacoada!

* * *
Ahi vae de presente ao G.º. D.º. a seguinte noticia, que nos dá a *Revista popular*, de Barcelona:

«Ha poucos dias teve lugar em Leon um d'esses actos tão frequentes e que enchem a alma de grata alegria. Em uma das parochias egrejas d'aquella capital verificou-se a commovente cerimonia da abjuração d'um pastor protestante. D. Ramon e sua esposa. Nas mãos do Rev.º Bispo, e em meio de uma concorrência espantosa de povo, fizeram a abjuração dos seus erros e a sua profissão de fé, recebendo em seguida a benção do Prelado.

O snr. Ramon Bon havia adquirido grande fama entre os seus adeptos, o que torna ainda mais gloriosa para os catholicos a sua conversão.»

Que me diz snr. G.º. D.º.?

* * *
D'alguns collegas nacionaes e estrangeiros transcrevemos as seguintes importantes noticias do mundo catholico: Escrevem á *Gazette du Midi* de 30 d'outubro o seguinte:

Depois de terem (os republicanos)

expulsado os Irmãos de S. Vicente de Paulo das escholas, expulsam-nos tambem dos hospitaes. As irmãs que serviam os enfermos no hospital de Marengo receberam intimação para deixarem o seu posto junto do leito da dôr, desde o primeiro de Janeiro proximo futuro em diante. Em toda a parte onde as irmãs do instituto de caridade de S. Vicente de Paulo tem sido empregadas no serviço dos doentes tem sempre dado provas de maior dedicação e de serem as melhores enfermeiras que os que padecem podem ter ao seu lado: são honrosissimos os documentos que nos relatorios das corporações dos hospitaes se encontram em favor das irmãs; são admiraveis os testemunhos que os enfermos por ellas assistidos dão do seu zelo, carinho e interesse: de maneira que não duvidamos afirmar ser maior o damno que os hospitaes soffrem com a violencia que os governos lhes fazem expulsando as irmãs, do que o causado a estas, porque sempre encontram largo campo para o exercicio de sua caridade. E para o confirmar transcreveremos uns trechos da carta que sobre o assumpto da noticia supra escrevo o tenente coronel de Malglaive ao Governador Geral:

«Durante o cholera de 1849 nada pude conseguir com um pessoal leigo, pouco escrupuloso e que fugia deante do perigo. O pessoal porque hoje quereis substituir as irmãs já o experimentei; e isso me dá a certeza de que em breve vos haveis de arrepender das medidas que tomastes. Se pude conseguir fundar o hospital de Marengo, devo-o á dedicação das irmãs, que durante vinte e nove annos consagraram a esta obra sua fortuna, sua posição e sua saude. Ellas deixam obras e melhoramentos superiores em valor a 40:000 francos, para o que o Estado não dispendeu nem um ceutil. Aproveitai-vos do fructo de seus trabalhos e expulsai-as!

Protesto com toda a energia contra uma medida que paga com uma ingratidão funesta ao paiz dedicações de que todos dão testemunho.»

.....
V. de Malglaive.»

E são elles os amigos do povo, os que desejam concorrer para o bem estar da nação! Ainda bem que no meio de tanta maldade apparece quem levante a voz, indignado, contra os despotismos dos hypocritas.

As irmãs da caridade e o governo protestante de Berlim

A *Germania*, de Berlim, noticia que as irmãs da caridade de Hildesheim, Hanover, Cellé Göttingue, Duderstadt em Eichsfeld, Widela Gronau e Har-

sum, foram avisadas pelo ministerio dos cultos de que, d'alli em diante, podiam fazer as suas viagens gratuitamente em segunda classe de todos os caminhos de ferro prussianos.

Deus nunca abandona os seus; se algumas vezes permite, para os provar, que soffram perseguição em certas localidades, dá-lhes em outras protecção e conforto; é por isso que vemos o governo republicano da França christianissima desencadear-se furioso contra as boas irmãs e outras instituições religiosas, ao mesmo tempo que o governo protestante da Allemanha ministra esta valiosa protecção ás melhores amigas dos pobres e dos doentes.

O conde de Mun em Caen

A conferencia de M. conde de Mun teve lugar hontem á noite, como em tempo annunciámos, deante d'uma reunião de duas mil pessas que acudiram promptamente ao convite que lhes fôra dirigido pelo general M. Vendeuvre.

Obedecendo á pontualidade militar, que tanto lhe está a caracter, o general Vendeuvre abriu a sessão ás 8 horas da noute em ponto pela apresentação, em termos eloquentes e affectuosos, do eminente orador catholico que fôra em tempos seu companheiro d'armas.

Immediatamente M. de Mun sóbe á tribuna, toma a palavra no meio d'um profundo e respeitoso silencio, que bem depressa foi interrompido, para dar lugar a calorosos applausos, que exprimiam a admiração produzida na assembleia, e que era impossivel conter. Em muitas occasiões os applausos se prolongaram por alguns minutos, principalmente no fim do brillantissimo discurso.

Terminado este, M. Fontette tomou a palavra e dirigiu a M. de Mun as felicitações que o orador bem mereceu, constituindo-se interprete dos sentimentos d'aquella catholica assembleia.»

Que saudavel revolução não está causando na França este eloquentissimo orador catholico? Quasi toda aquella nação tem sido theatro de sua actividade, e testemunha de sua admiravel eloquencia, na defeza dos direitos dos paes de familia a quererem que a seus filhos se ministre uma solida e religiosa instrucção.

J. DE FREITAS.

Por falta de espaço não falamos hoje d'algumas publicações que recebemos, promettendo fazel-o no proximo numero.